



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE PEDAGOGIA

ILAYNE VIANA DE ALMEIDA

**A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DO CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**

Caruaru
2022

ILAYNE VIANA DE ALMEIDA

**A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DO CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador (a): Fernanda Sardelich Nascimento

Caruaru

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que tem me sustentado até aqui, e mesmo nos meus momentos mais sombrios, nunca me deixou só, nem se quer por um instante.

A minha maravilhosa mãe que sempre batalhou intensamente para que eu pudesse estudar e buscar coisas maiores em minha vida.

Aos meus irmãos que aguentaram toda minha agonia do melhor modo que souberam. As minhas amigas Rauany e Solane que aguentaram minhas inúmeras reclamações e sempre me apoiaram, me deram motivos para sorrir e não desistir.

Aos meus amigos de turma Tássila, Rayanne, Giselle, Mariane e Augusto que foram um suporte imenso sempre que eu precisei e que nunca deixaram a risada faltar.

Aos meus amigos Rafael, Raiane, Tarcila, Eduarda, Dhulya e Deysiane, que mesmo distantes estavam sempre me apoiando e torcendo por mim.

A minha orientadora Fernanda, que apesar de todos os meus atrasos e questões não desistiu de mim e me ajudou a chegar até aqui.

E por fim, a todos que me auxiliaram nesse período de graduação e me deram suporte sempre que necessário.

Muito obrigada!

A inteligência emocional a partir da perspectiva dos estudantes de Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste.

Ilayne Viana de Almeida¹

Resumo: Este trabalho visa apresentar como os estudantes do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, compreendem e percebem a Inteligência Emocional no processo de sua formação. Apresentamos uma discussão acerca das emoções, o efeito que possuem sobre os seres humanos e como a Inteligência Emocional tem relevância a partir disto. Inteligência esta que, discutida aqui a luz dos escritos de Goleman (1997), vem a definir-se como a habilidade de identificar as emoções em si e em outros, gerenciar suas próprias emoções e em seus relacionamentos, e automotivar-se. A pesquisa desenvolvida teve caráter qualitativo, e utilizou de questionário autoaplicável, com questões fechadas e abertas. Participaram da pesquisa 50 estudantes dos períodos iniciais (primeiro e segundo períodos) e 30 estudantes dos períodos finais (oitavo e nono períodos) do curso de pedagogia. Entre os achados da pesquisa destacamos que em comparativo, os estudantes dos últimos períodos apresentam mais características das habilidades de autoconsciência e reconhecimento das emoções alheias, enquanto os de períodos iniciais apresentam mais características de controle emocional e automotivação; também podemos destacar acerca do trabalho da universidade para com a inteligência emocional, que apesar de existente, mostra-se escassa.

Palavras-chave: inteligência emocional; emoções; estudantes de pedagogia.

1. Introdução

Ao buscarmos compreender um pouco sobre o ser humano, um fator que não pode ser deixado de lado são as emoções. Estas, que vêm se desenvolvendo juntamente com a história do homem, estão intrínsecas a ele e o compõem. Damásio (1994, p. 156) define as emoções como “[...] a combinação de um processo de avaliação mental, simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigidas ao corpo, propriamente dito, mas também dirigidas ao cérebro [...]”. Ou seja, as emoções são como reações que são geradas por nosso corpo e mente a partir dos acontecimentos vivenciados, ou mesmo pensados.

As emoções são algo inerente a todos os seres humanos, independentemente de sua idade, condição financeira ou nacionalidade, está presente em cada um desde o dia do nascimento até o último suspiro. Dourado e Prandini (2012, p.26), a partir das teorias de Wallon, exemplificam isto ao apontar que:

A emoção, antes da linguagem, é o meio utilizado pelo recém-nascido para estabelecer uma relação com o mundo humano. Gradativamente, os movimentos de expressão evoluem até se tornarem comportamentos afetivos

¹ Graduanda do curso de Pedagogia do CAA. E-mail: ilayneviana14@gmail.com

mais complexos, nos quais a emoção, aos poucos, cede terreno aos sentimentos e depois as atividades intelectuais.

As emoções ocupam um espaço extremamente significativo na construção e desenvolvimento do ser, de modo que, não podem ser ignoradas. Para além disto, Galvão (1998, p.44), pontua, a partir de Wallon, que as emoções são uma “atividade eminentemente social”, ou seja, que é alimentada a partir das reações que vem a causar no outro, de modo que pode ser considerada como contagiosa. Ele explica que esse caráter contagioso ocorre, pois, a emoção “necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, possui sobre o outro um grande poder de contágio” (WALLON, 1971, p.91). O que torna difícil que permaneçamos indiferentes às suas manifestações (ibid.). Partindo desta perspectiva, as emoções não podem ser vistas como questões individuais, mas como algo relativo ao outro, podendo estas afetar ou serem afetadas pelo meio em que se encontram.

Goleman (1995) define a emoção como um sentimento que possui pensamentos distintos, assim como estados psicológicos e biológicos, e uma gama de tendências para agir. Existe uma diversidade de emoções, cada uma possui suas próprias combinações, variações, matizes, são tão amplas e diversas, que é difícil sua definição em palavras.

Assim, considerando esta amplitude e subjetividade das emoções, é possível compreender melhor que cada ser humano é único, o modo como sentem e expressam tais emoções vai acontecer também de modo único, pois “as emoções são geradas como resposta a um acontecimento externo ou interno. Um mesmo objeto pode gerar emoções diferentes em pessoas distintas” (BISQUERRA, 2009, p.20 apud SAGITÁRIO, COELHO 2021, p. 6), sendo assim desencadeadas a partir das vivências e particularidades de cada um.

As emoções também, acabam de certa forma, definindo nossas atitudes, relações e contextos, pois são mecanismos que nos permitem reagir rapidamente a situações ocorridas, nos comunicar com outros e tomar decisões. De modo que, nossas emoções vêm a ter diversas funções em nosso organismo, servindo para que possamos vivenciar diferentes possibilidades e cenários de maneira única e específica a cada ser. Goleman (1997, p.33) afirma que:

São as nossas emoções [...] que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos de tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto. [...] Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada.

Embora, muitas vezes ao pensar na emoção, a tomemos como oposta a razão, irrefreável, que domina puramente o ser, razão e emoção não são necessariamente antagonistas uma a outra, podem ser complementares como nos revela Pina e colaboradores (2007, p.38) ao destacarem

que, “[...] a emoção torna o pensamento mais inteligente, e a inteligência permite pensar e usar de modo mais apurado as emoções [...]”, assim, quando relacionadas, estas permitem uma melhoria para ambos os lados, o que consequentemente traz benefícios ao indivíduo.

Por se tratar de algo tão complexo, que perpassa todos os momentos de nossa existência, compreender como expressar e lidar com tais emoções, vem a ser algo fundamental para o desenvolvimento de cada pessoa. O trato com as emoções refletirá não apenas no quesito emocional, mas todas as demais áreas em que estará inserido, sendo necessário então, a busca por um equilíbrio que venha a permitir que o lado emocional não seja o único ponto de controle de suas ações. Entender, desenvolver e equilibrar tais emoções, observando-as como uma ferramenta para o desenvolvimento de sua qualidade de vida, é o que podemos chamar de Inteligência emocional.

Inteligência Emocional (IE) é uma expressão considerada “nova”, surgiu no ano de 1966, porém só foi utilizada na década de 90 pelos autores Salovey e Mayer. Segundo esses autores a IE é a capacidade de monitorar os sentimentos e emoções, distingui-los e utilizar as informações obtidas com a finalidade de conduzir suas próprias ações e pensamentos, sendo esta a "habilidade para reconhecer o significado das emoções e suas inter-relações, assim como raciocinar e resolver problemas baseados nelas. A inteligência emocional está envolvida na capacidade de perceber emoções, assimilá-las com base nos sentimentos, avaliá-las e gerenciá-las" (MAYER, CARUSO & SALOVEY, 2000, p. 267 apud VICENTE, 2014, p. 6).

Esta inteligência viria a ser então, a habilidade de controlar e distinguir os sentimentos e emoções, não deixando que estes venham a ser o guia de suas ações, mas não obstante, esta vem a ser um modo para que o indivíduo possa passar a compreender mais de si, e do outro, utilizando as emoções como ponte e não como barreira. Os autores também denotam que existem quatro habilidades gerais, que compõem a Inteligência Emocional, sendo elas: percepção e expressão da emoção; integração da emoção no pensamento; compreensão das emoções e gestão das emoções.

A expressão IE ficou bem conhecida a partir da obra de Daniel Goleman (1997), ao publicar o livro “Inteligência Emocional”, no qual define a IE como a capacidade de identificação dos próprios sentimentos e dos outros, de motivar a si mesmo e gerenciar as emoções dentro de si e em seus relacionamentos. E para além disto, ainda define que a IE “[...] consiste na aprendizagem de aptidões, nomeadamente: autoconsciência, manutenção do otimismo, perseverança, empatia, cooperação e motivação” (Vicente, 2014, p.9). A luz dos escritos de Salovey e Mayer, Goleman (2006) aponta cinco habilidades que ao seu

entendimento compõem a IE, são elas: Autoconsciência; gerenciamento das emoções; automotivação; reconhecer as emoções dos outros e; gerir relacionamentos.

Goleman (2006, p. 66) distingue a autoconsciência, gestão de emoções e automotivação, classificando-as como competências pessoais (intrapessoais), pois “determinam a forma como nos gerimos a nós próprios”, e a empatia e gestão de relacionamentos como competências sociais (interpessoais), pois “determinam a forma como lidamos com as relações” (SAGITÁRIO; COELHO, 2012, p. 18).

Ou seja, segundo o autor, a Inteligência Emocional viria a ser como uma espécie de união entre as inteligências intra e interpessoais, que são caracterizadas como algumas das inteligências múltiplas² apresentadas por Howard Gardner, e que a partir do estímulo destas habilidades o indivíduo pode desenvolver melhores relacionamentos consigo mesmo, e com o outro, sendo menos propenso a se deixar levar por trivialidades.

Outro viés no qual a IE se encaixa, é de habilidade socioemocional, pois não diz respeito apenas a questão das emoções a partir do próprio indivíduo, mas como as emoções e a relação com elas, afeta e é afetada pela sociedade a sua volta, no qual Ricarte (2019, p.22) vem apontar que “as habilidades socioemocionais são uma necessidade cotidiana essencial para o funcionamento adaptativo do sujeito, e podem ser entendidas enquanto um construto que envolve um conjunto de características que favorecerem o uso eficaz dos processos cognitivos.” Estas habilidades podem ser apresentadas também, de modo mais abrangente pela perspectiva da Inteligência Emocional.

Possuir inteligência emocional vem então a ser um requisito de extrema importância para que um indivíduo consiga lidar com as situações que lhe perpassam, pois isto permite que ele possua ciência de suas ações e de seus sentimentos, se propondo a pôr em perspectiva o modo como guiará suas emoções, e como suas atitudes virão a afetar a si mesmo, e os que estão a sua volta (VICENTE, 2014). O inverso também é verdadeiro, pois, o indivíduo que não consegue ter controle, não consegue entender o que se passa em si, e não consegue compreender de alguma forma as emoções expressas pelos outros, permite que as emoções sejam o centro de suas ações, e estas nem sempre o guiarão para resultados positivos, o trará prejuízos ao indivíduo, em especial na área profissional e acadêmica, visto que:

[...] as nossas emoções embaraçam ou favorecem a nossa capacidade de pensar e planejar, de resolver problemas, definindo a nossa capacidade para utilizar as nossas aptidões mentais inatas. É, então, neste sentido,

² Teoria das inteligências múltiplas apresentada por Howard Gardner em 1983, que propõe a existência de sete inteligências básicas. São elas: Inteligência linguística, Inteligência Lógico-matemática, Inteligência Espacial, a Inteligência Corporal-cinestésica, Inteligência Musical, Inteligência Interpessoal e Inteligência Intrapessoal.

que a inteligência emocional se revela uma aptidão mestra, uma capacidade que afecta profundamente todas as outras faculdades, quer facilitando-as, quer interferindo com elas (MARQUES,2011, p. 75).

Assim, a falta de tal habilidade, se mostrar como uma barreira para que o indivíduo atinja seus objetivos de modo desejado, além de atrapalhar suas relações pessoais e profissionais. Em contrapartida o desenvolvimento desta habilidade permitirá que se administre as reações que se tem, se estabeleça uma melhora em tais relações e se consiga uma maior motivação para que se realize as atividades definidas.

Partindo desta perspectiva, podemos refletir acerca da essencialidade da IE nos diversos âmbitos e espaços de nossa sociedade, porém, neste contexto, abarcaremos o desenvolvimento e presença da IE no ensino superior, mais especificamente voltado a licenciatura em pedagogia, tomando em conta o abordado por Costa e Carício (2017, p. 3) que apontam que “o curso de Pedagogia não está restrito apenas à formação de professores, ele se consolida fortalecendo as estruturas de uma sociedade que lida com seres humanos e suas diversas facetas de vida”. Assim, o trabalho com os futuros pedagogos, deve levar em consideração o modo como estes irão atuar em seu âmbito profissional, compreendendo que, se não possuírem o mínimo que seja de uma inteligência acerca do seu emocional, tampouco saberão como lidar com os causos que podem vir a ocorrer durante sua atuação, onde acontecimentos cotidianos, podem afetar as reações que se tem com uma grande facilidade, e por muitas vezes causar situações indesejadas, e não saber lidar com elas, acaba por dificultar ainda mais o processo.

Macedo, Leal e Morais (2018) discorrem sobre a importância da IE no trabalho docente, pois quando o docente consegue compreender seu lado emocional e usá-lo como ferramenta para o bom desenrolar de sua vida, terá maior facilidade no desenvolver de sua profissão, e isso consequentemente será refletido no aluno. Desta forma, trabalhar a IE durante a formação universitária, é importante pois, ao preparar docentes capazes de lidar com o construto emocional, possibilita-se também uma educação mais humana e significativa.

Importante ainda considerar o momento atual vivido nos últimos dois anos, em que a pandemia do vírus SARS-CoV-2³, trouxe a necessidade de isolamento social, perda de entes queridos, e um processo de intenso impacto emocional. Nesse sentido, o desequilíbrio emocional vivenciado durante a pandemia, somado a fatores como vida profissional e acadêmica, demonstram ainda mais a necessidade de fortalecimento emocional e

³ Doença que assolou o mundo desde o ano de 2020, também conhecida como Covid 19 e causou uma pandemia global.

desenvolvimento da IE. Nesse cenário o tema da Inteligência emocional, começou a ser mais discutido, com mais discussões acerca disto em podcasts, vídeos e redes sociais. Porém, apesar da ampliação da discussão sobre o tema, são poucos os trabalhos de pesquisa voltados a essa área de inteligência no ensino superior.

Em pesquisa realizada encontramos cerca de 6 artigos com foco no debate sobre IE no ensino superior. Apenas dois eram produções brasileiras, e nenhuma abordava tal discussão a partir da perspectiva de estudantes do curso de pedagogia, por isso, crê-se que este trabalho possui relevância acadêmica para o tema. Além disto, vê-se relevante socialmente pois, atentar para o trabalho com tal inteligência virá a permitir que os estudantes de licenciatura em pedagogia, venham a se constituir docentes e profissionais que compreendem a importância do equilíbrio emocional e do olhar as emoções de seus alunos.

Nesta perspectiva, levantam-se então questionamento acerca de como a inteligência emocional vem sendo vivenciada no contexto dos universitários, buscando compreender como o construto emocional dos discentes pode vir a influenciar sua formação, e se esse âmbito é considerado pela equipe docente. Bem como, a compreensão, e quem sabe busca, de como a inteligência emocional tem sido presente na vida dos universitários, e como sentem que afeta suas vidas pessoais, profissionais e acadêmicas, são pontos que vem instigar o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, o trabalho em questão teve como **objetivo geral** identificar as concepções que os estudantes de licenciatura em pedagogia do Campus Acadêmico do Agreste têm acerca da Inteligência emocional em sua formação. Como **objetivos específicos**: comparar a visão que estudantes dos primeiros e últimos períodos tem, sobre como o caráter emocional de seus discentes é tratado pela universidade, e fomentar uma discussão acerca da importância dada a inteligência emocional na formação superior. A partir disto, o trabalho tem como **pergunta norteadora da pesquisa** “Como a inteligência emocional é considerada na formação dos estudantes de licenciatura em Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste?”

O texto apresenta-se em três partes, uma abordará a metodologia da pesquisa, seguida pela seção destinada a análise dos dados coletados durante a pesquisa, que vem subdividida em quatro tópicos, e por fim as considerações finais.

2. Metodologia

Como percurso metodológico, destaca-se que essa é uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual visa a “[...] compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas

ações” (ANDRÉ, 2008, p.17) e permitiu que pudéssemos compreender a significância dada pelos licenciandos em pedagogia acerca da Inteligência Emocional.

Também se caracterizou como uma pesquisa exploratória e explicativa, a partir do apontado por Gil (2008), pois buscou aprofundar as questões, para que houvesse compreensão dos significados e questionamentos sobre a construção. A coleta de dados, se deu pelo uso de questionário autoaplicável, contendo questões abertas, fechadas e de múltipla escolha, tomando a escolha do método, a partir de Bell (2008), e por fim, para análise e organização dos dados, se fez uso da análise de conteúdo, por apresentar técnicas de análise e processos sistemáticos e objetivos para que se consiga descrever a mensagem, como denota Bardin (2001), sendo assim útil para a organização e análise dos dados obtidos.

A pesquisa tomou como sujeito os estudantes de licenciatura do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Agreste – Campus Acadêmico do Agreste, que fica situada na cidade de Caruaru – Pernambuco. O curso de Pedagogia tem a duração de 4 anos e meio, contando com nove períodos. O curso se dá de modo inteiramente presencial, porém durante os dois anos de isolamento social, referentes a pandemia, as aulas aconteceram de forma remota.

Os sujeitos foram alunos do primeiro e segundo período, assim como do oitavo e nono, com faixas etárias diversificadas, efetivamente matriculados nas disciplinas referentes ao período informado. Tais sujeitos foram escolhidos por estarem em etapas diferentes de sua formação, com o objetivo de compreender não apenas o conhecimento existente sobre a Inteligência Emocional, como comparar se havia diferenças nessa compreensão, bem como as visões que os sujeitos possuem acerca do trabalho da universidade com esta competência.

A escolha dos sujeitos foi realizada a partir da hipótese de que, por tratarem-se de estudantes de tempos de graduação opostos, suas visões acerca do curso seriam distintas, de modo que, esperava-se que os estudantes matriculados em períodos finais apresentem respostas que apresentem um maior índice acerca do conhecimento da Inteligência Emocional, por possuírem uma maior vivência no chão da universidade, quando comparado aos estudantes de períodos iniciais. Além disso, também consideramos que, os estudantes dos últimos períodos teriam passado pela disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação II, que ainda que brevemente, aborda o conteúdo da inteligência emocional em sala de aula.

3. Análise dos dados

O questionário utilizado como modo de coleta de dados, foi aplicado de modo presencial, contendo 18 questões entre fechadas, abertas e de múltipla escolha, e contou com

80 participantes, sendo 28 estudantes do 1º período, 22 do 2º período, 17 do 8º período e 13 do 9º período, dentre estes 24 possuem idade inferior aos 18 anos, 24 possuem entre 18 e 21 anos, 26 possuem entre 22 e 26 anos, e 6 acima de 26. Para responder os objetivos propostos, serão analisados em conjunto, as respostas dos alunos matriculados nos períodos iniciais, e outra parte com matriculados nos períodos finais, para que em seguida um comparativo possa ser realizado.

A seguinte análise tem como base a teoria acerca da IE apresentada por Daniel Goleman (1997) ao qual apresenta cinco habilidades relativas às IE, sendo estas: Autoconsciência; gerenciamento das emoções; automotivação; reconhecimento das emoções dos outros; e gerenciamento de relações. A partir disto, as perguntas presentes no questionário foram escritas e divididas de modo a relacionarem-se com as habilidades apresentadas, e conseqüentemente responderem aos objetivos propostos no presente trabalho. As perguntas foram divididas em blocos temáticos: Caracterização do/a estudante (faixa etária e período vigente); perguntas iniciais sobre compreensões que possuem sobre as emoções em si mesmos; perguntas sobre suas compreensões acerca da IE; e perguntas acerca da relevância que acreditam que a IE possa desempenhar na formação; e como acreditam que a universidade leva este construto em consideração.

Assim, dividimos a análise em subtópicos que visam explorar algumas das habilidades discutidas na construção e análise do questionário, sendo elas: Emoções em si mesmo; Compreensões sobre a Inteligência Emocional; Relevância da Inteligência Emocional para a formação; e Perspectivas sobre a relação da universidade com a Inteligência Emocional.

3.1 Emoções em si mesmo

Como discutido anteriormente, as emoções fazem parte dos seres humanos desde o momento em que nascem, e vão tomando forma e força à medida que o ser humano também se desenvolve. Fonseca (2016) aponta que:

Ao longo da infância é a emoção que abre o caminho à cognição, a lenta emergência da conscientização de si ou o sentimento de si [...] ou seja, as funções cognitivas superiores das aprendizagens humanas mais complexas, que se vão construindo e reconstruindo face à dinâmica das suas reações comportamentais emocionais e afetivas (FONSECA, 2016, p. 371-372).

De forma que, as emoções dos indivíduos permitirão a evolução de habilidades outras, e darão suporte no desenvolvimento cognitivo. Tomando esta perspectiva, algumas questões apresentadas no questionário visaram averiguar, de um modo objetivo, acerca de como os

indivíduos enxergam sua relação com as questões emocionais, partindo de perguntas que abordem tanto as características interpessoais, quanto intrapessoais da IE.

As questões de três a nove, apresentadas no questionário, abordam, de um modo amplo, acerca de algumas das habilidades que Goleman caracteriza como parte da IE. Especificamente a pergunta objetiva: “Você se considera consciente de suas emoções?”. Essa pergunta visava compreender a relação dos sujeitos com a habilidade de autoconsciência (GOLEMAN, 1997), fundamental para que a pessoa seja capaz de se situar acerca de como reage em determinadas situações, seus sentimentos, e como se deixa afetar.

Ao criarmos um comparativo entre as turmas de períodos iniciais, e as turmas de períodos finais, percebemos que apesar de o mesmo índice de pessoas apresentarem sempre ter ciência de suas emoções, as turmas de períodos iniciais apresentaram uma maior porcentagem nas respostas que apresentam a não dominância ou pouca dominância a respeito da habilidade apresentando 38% entre as respostas ocasionalmente e nunca, enquanto os períodos finais apresentam apenas 13% e nenhuma resposta nunca.

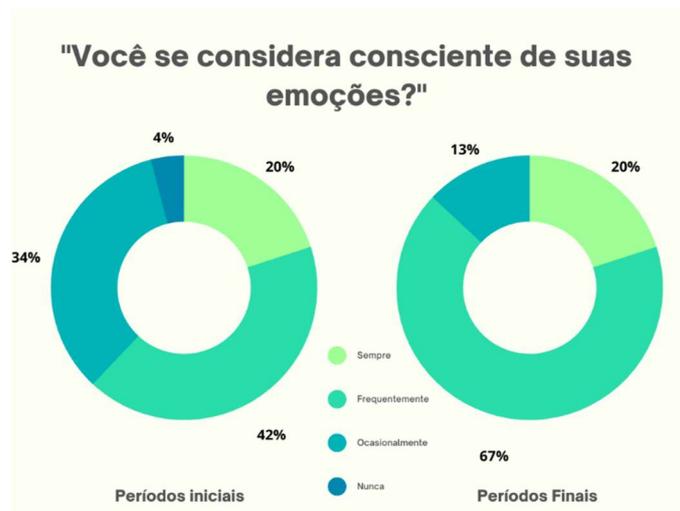


Figura 1. Dados referentes ao questionário. Acervo pessoal.

Acerca dos resultados obtidos, é importante destacar que, ainda que o percentual de respostas “sempre” em relação a consciência de suas emoções não seja o mais alto em nenhum dos grupos, ao unirmos com o percentual de respostas “frequentemente”, que aqui nesta discussão é tomado como um resultado que representa a presença da habilidade, percebe-se que o índice de pessoas que na maior parte do tempo compreende e reconhece seus sentimentos, ou ao menos crê nisso, é bastante significativo em ambos os grupos. Esse achado é relevante, visto que como destacado por Marques (2011, p.73) “o reconhecimento das próprias emoções é o alfa e o ômega da capacidade emocional. Só quem aprende a perceber os sinais emocionais, a

classificá-los e a aceitá-los, pode controlar as suas emoções e explorá-las mais profundamente nas interações sociais com os outros”.

A partir disto, as questões quatro a seis buscavam entender sobre o reconhecimento das emoções nos outros, e foram acrescentadas para falar sobre tal habilidade, por entendermos que as emoções “raramente são postas em palavras; com muito mais frequência, são expressas sob outras formas” (GOLEMAN, 1997, p.133). Ou seja, a capacidade de reconhecer os sinais que os outros expressam, é essencial para que haja o desenvolvimento desta habilidade, principalmente quando não são verbalizadas, embora existam. Identificar tais emoções no outro, permitirá desenvolver também a habilidade de gerenciar os relacionamentos, a partir da validação das emoções do outro.

Assim, por se tratarem da identificação de uma mesma habilidade, tais questões foram analisadas conjuntamente, e apresentou-se o seguinte resultado: 76% dos estudantes apresentaram que sempre ou frequentemente conseguem reconhecer as emoções do outro, enquanto os estudantes de período finais apresentaram 83% do percentual de tal resposta. É interessante pontuar que 1% dos estudantes dos períodos iniciais apontaram que nunca conseguem reconhecer as emoções dos outros, enquanto esse dado não é existente quanto aos estudantes dos períodos finais.

Ao retomarmos o comparativo entre as habilidades apresentadas entre os estudantes dos diferentes períodos, percebemos que, os alunos matriculados nos períodos finais apresentam um maior índice de respostas que representam a presença dessa habilidade. Essa habilidade de reconhecer e nos colocarmos no lugar do outro é o que conhecemos como empatia, que segundo Marques (2011, p.32) se apresenta como “a capacidade de entender o mundo interior emocional e vivencial de outras pessoas, [...] requerendo a predisposição para admitir as emoções, ouvir com atenção e ser capaz de compreender sentimentos e pensamentos que não tenham sido expressados verbalmente”. Assim que, a empatia é a “base da interação com os outros”, permite que aconteça uma facilitação no relacionar-se com o outro, algo que, especialmente na área da docência é bastante importante, pois é uma profissão que apresenta uma relação direta com o aluno, e que carece de um olhar atento ao outro.

A questão sete, que juntamente com a oito e a nove englobavam o gerenciamento das emoções, e visavam compreender o quanto a emoção do outro impacta na nossa. Acerca dessa questão 100% dos alunos dos últimos períodos disseram que afeta muito, e 88% dos alunos dos primeiros períodos também. Os outros 12% trouxeram que um pouco. O que aponta para o reconhecimento de que nossas emoções também são compostas pelo impacto do outro em

nossas vidas, ou seja, não são apenas algo intrapessoal. A questão oito, que complementava a questão sete, seguiu como uma justificativa ao pensamento apresentado a questão anterior, e as justificativas apareceram de formas diversas, abordando desde situações cotidianas, até equilíbrio de vida e relações pessoais. Porém, algo comum em grande parte das respostas é sobre esse poder das emoções nossas ações:

[...] por mais racional que a pessoa se considere, as emoções as emoções são a “força motriz” que impulsionam nossas decisões (desejos, ambições, amores...). - Estudante do 9º período

As emoções têm grande poder em nossas vidas, quando sabemos lidar com elas tudo fica mais fácil, isso também ocorre na mesma proporção quando não sabemos lidar. - Estudante do 1º período

Assim a questão nove, segue nesta linha de discussão, buscando compreender sobre o controle de suas emoções, ao qual os alunos entrevistados apresentaram os seguintes resultados:

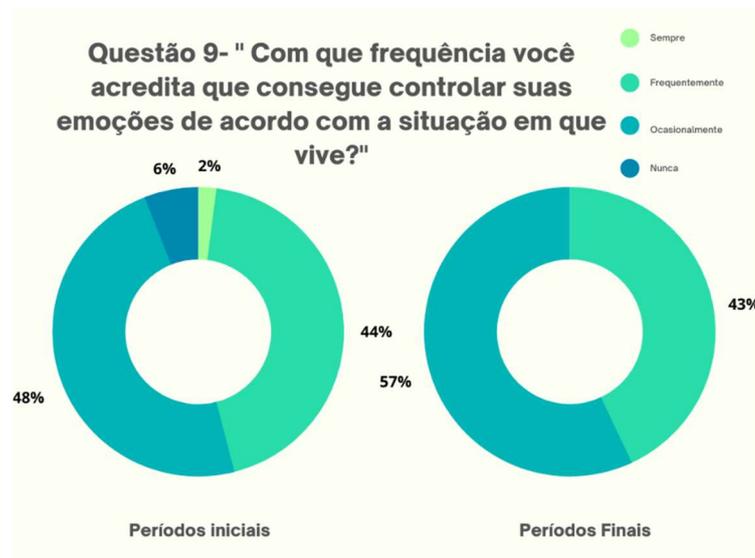


Figura 2. Dados referentes ao questionário. Acervo pessoal.

Observando que, apesar de estarem semelhantes, os índices das turmas de períodos finais mostraram-se menores quanto a presença desta habilidade que as dos períodos iniciais, onde não houve nenhuma resposta “sempre” e o quantitativo de pessoas que responderam “ocasionalmente”, também foi mais alto, o que demonstra que, aparentemente, um menor índice de controle emocional.

Tais resultados, podem demonstrar que, ao contrário do que se acredita, ao decorrer da graduação, as questões relacionadas ao controle emocional acabam sendo deixadas um pouco mais de lado, talvez pelo foco nas atividades acadêmica, e no aumento na quantidade de

demandas existentes. Estes fatores podem ser causas destes índices apresentarem uma menor percepção desta habilidade em si.

Percebe-se que, mesmo em diferentes etapas da graduação, a percepção da força que as emoções possuem sobre as vidas das pessoas de um modo geral, é presente, influenciando o modo como tomaremos decisões, assim como o modo em que nossas ações serão “facilitadas” ou “dificultadas”. Goleman (1997, p.59) apresenta que:

As emoções, portanto, são importantes para a racionalidade. [...] o cérebro pensante desempenha uma função de administrador de nossas emoções — a não ser naqueles momentos em que elas lhe escapam ao controle e o cérebro emocional corre solto.

Destarte, o fator emocional de cada indivíduo, atuaria como um guia de suas ações, de modo que, não haver um controle ou compreensão de como se sente e expressa essas emoções, as atitudes tomadas poderão fugir do que consideramos como bom para nossas vidas, assim como o manejo adequado destas, permitirá uma compreensão mais lúcida e eficaz para nossas realidades, permitindo que façamos essa relação com a racionalidade.

Eu acredito na potência das emoções, mas acho que os efeitos que elas nos causam são proporcionais ao nosso nível de autocontrole e racionalidade, e a maneira como nos organizamos mentalmente durante determinadas situações.
- Estudante do 1º período.

A partir disto, podemos reforçar o poder que as emoções apresentam em nossas ações e em nossa vida como um todo, a presença de habilidades como autoconsciência, autocontrole, gerenciamento das emoções em si, empatia e gerenciamento de relacionamentos, habilidades estas que são caracterizadas como a IE, agiriam como facilitadoras para o desenvolvimento de cada indivíduo, possibilitando que esse intenso poder proveniente das emoções não venham a ser dominantes, mas que sejam usadas para que consiga administrar suas questões intra e interpessoais do melhor modo possível, algo que virá a ser útil não apenas em sua graduação, mas em sua vida.

3.2 Compreensões sobre a Inteligência Emocional

As perguntas presentes no questionário voltadas a esta seção, estavam organizadas de dez a treze, sendo a décima questão objetiva, a décima primeira e segunda abertas e a décima terceira de múltipla escolha. Para que pudéssemos entender como os sujeitos entendem a IE no âmbito da universidade, antes, seria necessário que buscássemos descobrir se estes estão familiarizados com o termo Inteligência Emocional, e o que compreendem ao seu respeito.

Assim, a décima questão inicia esse percurso, buscando conhecer quantos dos participantes possuíam familiaridade com o termo Inteligência Emocional. Para tanto perguntamos diretamente se já tinham ouvido falar sobre IE, e entre ambos os períodos, a resposta afirmativa se deu em média 90% das pessoas entrevistadas.

A questão de número onze, veio como um complemento a questão anterior, buscando saber em quais situações os sujeitos vieram a conhecer o termo IE. As respostas a essas questões foram diversas e apresentaram diferentes meios onde vieram a conhecer o termo, grande parte das respostas pontuaram as redes sociais como veículo de propagação deste tipo de inteligência, fossem perfis ministrados por psicólogos, ou mesmo anúncios que não aprofundavam o tema, mas que indicavam sua significância. Outro meio bastante apontado foram vídeos na plataforma digital Youtube, que apresentavam acerca do tema, além disso muitos participantes, apontaram que vieram a conhecer o tema a partir das aulas de Fundamentos Psicológicos da Educação, durante a graduação, assim como em palestras realizadas na instituição.

Assim, a partir disto, a questão de número doze visava descobrir o que os sujeitos consideravam por Inteligência Emocional, e numa perspectiva geral, as respostas traziam a Inteligência Emocional como a habilidade de controlar as emoções, e isso foi descrito de maneiras simples como: “Domínio das emoções” (Estudante 1º período) e “Saber identificar as emoções e o que causa essas emoções” (Estudante 9º período).

Entretanto também apareceram respostas mais elaboradas como:

Acredito que Inteligência Emocional seja a capacidade/habilidade de lidar com as emoções, sejam as emoções próprias ou as emoções do outro. Diz respeito ao autoconhecimento de como cada emoção pode nos afetar e afetar também os demais, no exercício também de empatia, de se colocar na posição do outro para compreender sua reação em cada situação – Estudante 9º período.

Houveram respostas que vieram a apresentar a IE apenas como igual a empatia, ou que a resumiram apenas como a capacidade de controlar seus próprios sentimentos, e ainda que estas sejam habilidades presentes na IE, sabe-se que elas de modo independente não tornam um indivíduo como sendo considerado emocionalmente inteligente. Vicente (2014, p.10) afirma que:

Ser inteligente emocionalmente não significa camuflar sentimentos, mas sim conhece-los; [...]. A IE consiste em utilizar as emoções para orientar assim atitudes racionais, envolvendo a capacidade de ouvir, de receber críticas, de saber criticar, sem que isso desencadeie um precipitado estado emocional.

Ou seja, a IE vem ser esse conjunto de habilidades que permitem que o indivíduo não apenas trabalhe em seu interior, mas que seja sensível a perceber também o mundo a sua volta, que ao invés de se deixar ser levado inteiramente por suas emoções, ou sua racionalidade, que consiga maneá-las sem que nenhuma seja o fator dominante de suas ações, mas que juntas possam levar-lhe a caminhos que o beneficiem.

Por fim, a questão de número treze, buscava apresentar as características que os sujeitos acreditavam estar presentes em uma pessoa emocionalmente inteligente. A questão, de múltipla escolha, apresentava opções relacionadas as perspectivas e descrições das habilidades da IE dadas por Goleman (1997), como empatia, autorregulação, percepção aos sentimentos dos outros, motivar a si mesmo, e, avaliar as expressões de modo correto; assim como também apresentava alternativas fora do desenvolvido na teoria do autor, tais como: ser estável financeiramente, acordar nos horários definidos, ser apaixonado pela vida, atenção aos detalhes e ter tempo para sair com pessoas queridas.

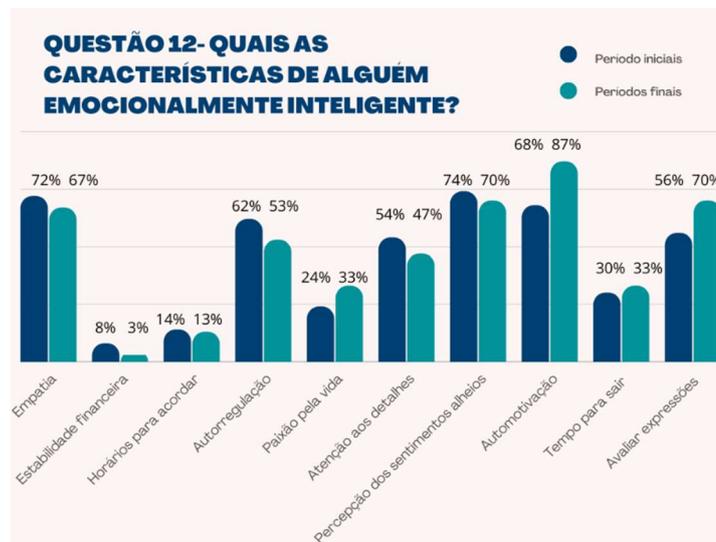


Figura 3. Dados referentes ao questionário. Acervo pessoal.

Percebe-se que, o grupo de estudantes pertencente aos períodos iniciais teve um maior incidente de escolhas que possuíam relação a teoria da Inteligência Emocional, onde o percentual de estudantes que veio a assinalar alternativas que se encaixam foi maior. Porém o contrário também ocorre, onde três das alternativas não consideradas como relativas a IE foram apontadas como características da mesma.

Deste modo, este resultado é algo a se pôr na balança, especialmente ao observarmos a questão dez, exposta nesta mesma seção, onde os alunos dos períodos finais apontaram em maior quantidade ter algum tipo de familiaridade com a IE, porém quando perguntados acerca das características que estão presentes na mesma, estes, apresentaram um índice de acertos

inferior as turmas de períodos anteriores, porém tampouco apresentaram um índice de escolhas incorretas maior. Isto pode significar que, grande parte dos estudantes dos períodos finais compreende quais características não estão atreladas a IE, porém tem uma concepção limitada da mesma, focando em características mais “obvias” acerca do termo, como podemos ver com as habilidades de automotivação e avaliação das expressões. Já os estudantes de períodos iniciais, parecem ter uma perspectiva maior acerca das habilidades que realmente caracterizam a IE, porém sem ter uma compreensão exata do que se trata, fazendo então mais pontuações errôneas sobre a mesma.

3.3 Relevância da Inteligência Emocional para a formação

Agora que já compreendemos como os sujeitos da pesquisa enxergam a Inteligência Emocional, esta seção buscará abordar sua relevância para a formação em pedagogia, a partir das questões catorze a dezesseis, que constam em duas questões (catorze e dezesseis) abertas, e uma (quinze) objetiva. As questões visam compreender qual a importância que os estudantes destacam a IE na formação em pedagogia, assim como o modo em que se sentem afetados pelas emoções no decorrer da formação.

Na perspectiva dos ambientes de ensino, existe a presença de diversos tipos de pessoas, dos mais diversos locais e jeitos, assim como, com diferentes níveis de controle emocional, de modo que, lidar com tantas pessoas diferentes de um modo adequado e ainda produtivo, mostra-se um grande desafio, em especial para o profissional da docência. Este profissional será a pessoa que precisará lidar com todos os presentes naquele ambiente, sem exceção, e como citado anteriormente, essas pessoas irão apresentar diferentes formas de ver o mundo e diferentes modos de se expressar sobre ele, assim o docente precisará de uma maior sensibilidade e compreensão acerca de como lidar com cada indivíduo a partir das situações, e especialmente acerca de suas próprias emoções, a fim de compreendê-las e geri-las para que estas não se sobressaiam e controlem suas atitudes. Marques (2011, p.40) pontua que:

[...] um professor emocionalmente inteligente, tira uma maior vantagem das suas competências profissionais e a marca que deixa nos alunos servirá também para o seu comportamento social futuro, servindo de modelo no processo de formação, educação e integração social dos mesmos.

Assim, a habilidade de Inteligência Emocional, serviria como um ótimo instrumento para a profissão docente, permitindo que não apenas o professor consiga explorar suas próprias potencialidades, mas que consiga envolver-se na relação com os alunos, tendo uma visão mais

humana sobre eles, e servindo como uma espécie de modelo para sua vida, e de algum modo auxiliando para que eles venham a desenvolver tais habilidades.

Seguindo este raciocínio, surgiu então o questionamento presente na questão catorze “Você acredita que trabalhar os aspectos emocionais é importante para a formação superior em Pedagogia? Porque?”, buscando compreender se os sujeitos podem enxergar o período de formação na docência, como um dos caminhos que pode os ajudar a compreender mais acerca de suas próprias emoções e como lidar com elas, visto que ao findar a graduação serão considerados aptos a atuar.

As respostas em grande parte, partiram por duas vertentes, uma acerca desse caráter do licenciando de pedagogia como um futuro docente, visto que a área de formação é voltada principalmente para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e a outra, que será o tema de nossa discussão pouco mais a frente, acerca da importância do trabalho com a IE na formação.

[...] lidamos com pessoas que expressam suas emoções cotidianamente. Além de que, como profissionais da educação passamos por emoções intensas. E se não soubermos geri-las, nos afundaremos em negatividade – Estudante do 8º período.

[...] estamos lidando com pessoas, pessoas tendem a ser diferentes, a pensar e agir diferente, temos que aprender a lidar com as diferenças com o sentimento do outro” – Estudante do 1º período.

Ambos os estudantes aqui citados caracterizam a importância da IE durante a formação, a partir de um certo domínio de algumas habilidades apresentadas por Goleman (1997), como o gerenciamento das próprias emoções e reconhecimento e gerenciamento das emoções do outro. De modo que, subentende-se que, um docente que não possui habilidades como estas, pode não somente compreender as ações e reações de seus alunos, como também se deixar afetar pelos percalços encontrados ao longo de sua atuação, deixando que isso afete o modo como ensina, podendo até tornando negativas as percepções acerca de sua atuação, o que retomando o que cita Wallon (2008) pode causar nos alunos reações semelhantes, visto o caráter contagiante que as emoções possuem.

Quando partimos para a outra perspectiva apresentada nas respostas da referida questão em debate, percebemos que, alguns estudantes sentem a necessidade deste trabalho com as emoções durante a graduação, para que consigam lidar com as dificuldades que tem encontrado durante o próprio curso, visto que as demandas acadêmicas, por vezes acabam entrelaçando-se as demandas pessoais dos estudantes.

Assim como nas demais situações da vida, o ensino superior traz consigo inseguranças, frustrações e alguns outros sentimentos que por vezes afetam nossa trajetória acadêmica. Por isso, acredito que deveria existir uma discussão maior em relação as emoções – Estudante do 9º período.

Caminhando nesta perspectiva, que toma como centro o sujeito da pesquisa não apenas como um docente em formação, mas como um estudante universitário, a questão de número quinze, levantava o seguinte questionamento “Você sente que suas emoções têm afetado seu desempenho acadêmico?”, sendo esta uma questão objetiva, que novamente, visava compreender a intensidade com que os sujeitos percebiam tal acontecimento.

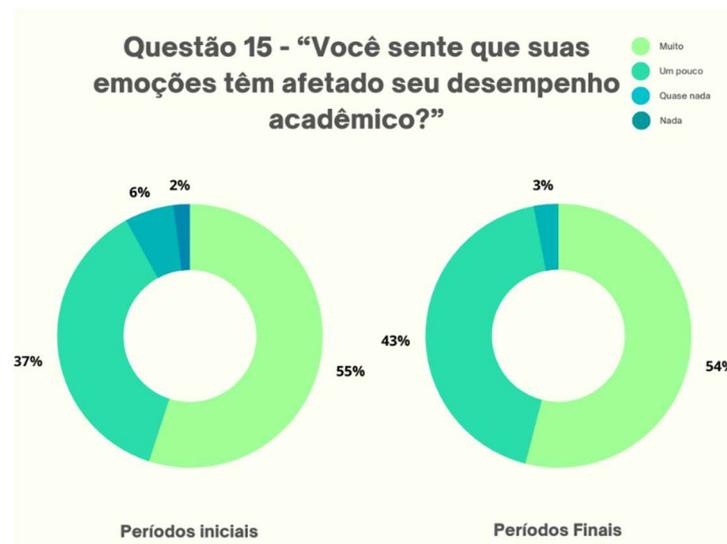


Figura 4. Dados referentes ao questionário. Acervo pessoal.

Nesta questão, os resultados foram significativos no que tange as alternativas que representam maior intensidade, onde apesar de mais estudantes de períodos iniciais apontarem que seus desempenhos acadêmicos são afetados por suas emoções, na perspectiva geral das alternativas aqui descritas, são os estudantes de períodos finais que apresentam um número mais significativo sobre a relação entre emoções e desempenho acadêmico, principalmente por não possuírem nenhum estudante que apontou que as emoções não afetam seu desempenho, enquanto essa porcentagem, ainda que pequena, é presente nos períodos iniciais. Destarte, se englobarmos, nesta situação em particular, todos os alunos participantes, é correto afirmar que as emoções têm sim efeito no desempenho acadêmico dos estudantes.

A inteligência emocional inclui aspectos essenciais dos relacionamentos internos e externos do indivíduo, das habilidades de gestão do stress e adaptação do humor e temperamento, os quais têm um efeito importante no desempenho acadêmico dos estudantes universitários (FALLAHZADEH, 2011 apud MENEZES, 2019, p.11).

Neste sentido, Fallahzadeh (2011 apud MENEZES, 2019) vem corroborar para a ideia de que, a presença da IE nos estudantes acadêmicos permitiria que o modo que as emoções viessem afetar os estudantes não fossem negativas, mas sim de modo essencial para seu desenvolvimento e desempenho acadêmico. É interessante frisar que, não está se definindo que os efeitos causados pelas emoções são negativos ou positivos, mas apenas constatando que as emoções influenciam o processo educativo. Porém, para compreendermos um pouco sobre estes efeitos que as emoções vem a causar, foi então pensada a questão dezesseis, “ De que maneira você sente que isso (as emoções) afeta (o desempenho acadêmico), e quais motivos você acha que podem existir para isto?”, que deixou livre para que os sujeitos pudessem responder com suas próprias palavras.

As respostas a essa questão tomaram alguns rumos distintos, e isto era esperado, visto que como citado anteriormente, cada ser sente e é afetado pelas emoções de modo diferente. Porém dentro das mais diversas respostas, algumas se conectavam em diferentes pontos, por exemplo, uma quantidade considerável, relatou acerca da ansiedade e de como estar com esse emocional abalado o deixava ansioso e o impedia na realização de atividades e prazos, assim como vários relatos abordaram a insegurança e falta de ânimo que esse descontrole emocional lhe causa, que atrelados a pressão dos conteúdos programáticos das disciplinas e as questões pessoais, acabavam por fazer decair a qualidade da aprendizagem.

Me afeta de modo negativo, fico ansiosa com os trabalhos e acho que está ligado diretamente a postura intimidadora dos professores- Estudante do 1º período

Além do cansativo processo de deslocamento e das atividades e cobranças acadêmicas, há a autocobrança. Com isso, a exaustão mental toma conta e “fico para baixo” – Estudante do 2º período.

Afeta de forma negativa. Constantemente me sinto mal e conseqüentemente não me sinto motivada a realizar as atividades. E isso me prejudica bastante. O motivo é o cansaço causado pelas altas demandas dos docentes que não compreendem a nossa realidade, as pressões para seguir um padrão acadêmico, os problemas sociais, entre outros – Estudante do 8º período.

Definitivamente as emoções influenciam no meu desempenho acadêmico. A sobrecarga de atividades, o estresse do cotidiano, vida pessoal e profissional, por vezes causam uma enorme frustração e medo de não dar conta de tudo – Estudante do 9º período.

Percebe-se que nos casos citados esse efeito no emocional tem acontecido como uma espécie de via de mão dupla, onde os estudantes acabam perdendo o controle emocional devido

a junção das demandas referentes a universidade, ou até mesmo da falta de empatia e manejo emocional de alguns docentes, unidas a suas questões pessoais, e isso consequentemente afeta seus desempenhos acadêmicos, que quando afetados, se mostram como mais um motivo que abala o emocional. A respeito do impacto das emoções na aprendizagem Goleman (1997, p.114) destaca que:

Quando as emoções dominam a concentração, o que está sendo soterrado de fato é a capacidade mental cognitiva que os cientistas chamam de “memória funcional”, [...] a capacidade de ter em mente toda a informação relevante.

A medida que deixamos que nosso lado emocional tome um controle excessivo, isso afetará nossa vida de diversas formas, e isso não se diferencia no cenário acadêmico, onde esse abalo emocional pode nos levar para muito distante da racionalidade que se tanto é cobrada. Assim, podemos apontar que, a presença de habilidades referentes a IE, poderia auxiliar nesse processo de formação acadêmica, visto que muitos dos participantes relataram situações que, quando possuindo uma capacidade de Inteligência Emocional bem trabalhada, poderiam ser melhor manejadas, ou ter seu impacto diminuídos.

3.4 Perspectivas sobre a relação da universidade com a Inteligência Emocional

Nesta última seção apresentada, discorreremos acerca de como os sujeitos da pesquisa percebem a relação da universidade com a Inteligência Emocional. Tais considerações foram discutidas a partir das questões finais dezessete e dezoito, que constavam consecutivamente em uma objetiva e outra aberta.

Após a discussão da seção anterior, tornou-se mais visível que, o trabalho com a Inteligência Emocional durante a graduação no curso de Pedagogia, apresenta relevância tanto ao partir da perspectiva dos estudantes como seres que necessitam de atenção para suas questões, e que precisam aprender a lidar com o modo em que manejam suas emoções, quanto da perspectiva de futuros profissionais da educação, visto que, se estes não souberem como lidar com as emoções, sejam elas suas ou do outro, de um modo conciso, isso afetará o modo como virá a lidar com seus alunos, podendo chegar a não considera-los como seres emocionais e passíveis de alterações e reações nesse sentido.

Assim, os professores, por não conhecerem as possíveis manifestações das emoções, geralmente se entregam ao seu contágio e passam a fazer parte do “circuito perverso” como denomina Wallon, os momentos em que os professores perdem o controle e entram no jogo das discussões com os alunos. O indivíduo emocionado fica sem a percepção do seu próprio comportamento,

pois, durante a expressão emotiva dificilmente o indivíduo consegue observar e compreender suas emoções (BRUNETTI, 2014, p.70).

É impossível pensar a educação, sem que se leve em consideração as emoções dos sujeitos, sem que as tome como algo poderoso em cada um, pois as emoções propiciarão o suporte básico, afetivo e essencial para a aprendizagem (FONSECA, 2016). Ou seja, são as emoções que nos caracterizam como humanos, e nos permitem a construir conhecimentos.

Desta forma, trabalhar uma formação docente sem considerar as perspectivas emocionais de seus estudantes, pode não ser um modo tão eficaz de construir profissionais preparados para suas atuações. Assim, tendo esse foco a pergunta dezessete questionava: “Você acredita que a universidade leva em consideração o caráter emocional dos estudantes?”. A questão foi apresentada de maneira objetiva e buscando entender a intensidade com que é realizado.



Figura 5. Dados referentes ao questionário. Acervo pessoal.

Os alunos de períodos iniciais percebem uma maior consideração da universidade com suas emoções, enquanto os estudantes de períodos finais têm essa percepção bem resumida. Porém é mais do que claro que maior parte dos estudantes participantes, não consideram significativa, ou consideram nula a consideração da faculdade com o caráter emocional dos estudantes, o que pode ser um dado preocupante, visto que nas palavras de Freire (1996)

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (FREIRE, 1996, p.45).

De modo que, pensar a universidade apenas como o local onde os futuros docentes adquirirão seu arcabouço teórico e desenvolverão sua criticidade, é resumir não apenas sua potencialidade, como também dos estudantes matriculados, visto que, para que uma formação docente aconteça de modo significativo e verdadeiro, este precisa considerar o indivíduo integralmente, em caráter racional e emocional.

Assim, buscando ver como os estudantes percebem as ações da faculdade voltadas ao caráter emocional a questão dezoito, esta sendo a última apresentada, levanta a seguinte questão “Como você descreveria o olhar da universidade com os aspectos emocionais dos estudantes e o cuidado com elas? Porque?”. A questão, formulada para respostas abertas, apresentou algumas respostas que possuem uma perspectiva similar, ainda que se tratem de sujeitos em diferentes etapas da formação. Vale ressaltar que estudantes dos períodos iniciais citaram em suas respostas que não conhecerem tão bem a universidade, o que pode se relacionar as respostas apresentadas na questão anterior, onde apresentaram índices mais positivos acerca da intensidade de trabalho da universidade com os atributos emocionais. Já no outro lado, os alunos dos períodos finais apresentaram falas mais concretas, visto que possuem uma relação mais longa com a universidade e o curso em questão.

A universidade traz ajuda psicológica, vi isso no primeiro dia de aula, mas acho isso meio que, pouco, a universidade suga muito de nós, imagino que deveriam ser mais flexíveis e pensar em nós como seres humanos as vezes. – Estudante do 1º período.

Apesar da universidade oferecer apoio psicológico, é um olhar muito vago sobre os estudantes. Também tem a questão de alguns professores muitas vezes não terem a empatia.[...] – Estudante do 2º período.

Alguns professores são mais atentos e compreensivos quanto a essa questão, mas não são todos. A universidade não promove momentos para um maior conhecimento da Inteligência Emocional. Penso que a universidade poderia promover momentos como palestras, apresentações culturais, rodas de conversa acerca do tema...Enfim, poderiam ter um olhar mais atento quanto a isso. – Estudante do 8º período.

A universidade por muitas vezes ignora os aspectos emocionais, e nos vê como meros robôs que precisam produzir mais e mais, desconsiderando as subjetividades e emoções que estamos vivenciando, além de ofertar poucas oportunidades para um acompanhamento profissional. – Estudante do 9º período.

Percebe-se que alguns pontos podem ser levantados para a discussão, como por exemplo o acompanhamento psicológico disponibilizado aos alunos, que é apresentado em três das

quatro falas aqui citadas, mostrando que existe um movimento da universidade voltado a atenção aos aspectos de saúde mental dos estudantes, que pode ser uma possibilidade também do trabalho com a Inteligência Emocional durante o acompanhamento, porém duas das falas citadas apontam que este, não vem a ser suficiente, e é interessante ressaltar que, pela grande demanda de alunos presentes na instituição como um todo, a vaga para o acompanhamento psicológico, por muitas vezes acaba sendo bastante difícil de se conseguir.

Outro ponto apresentado é a relação entre docentes e discentes, que também é apresentada em uma considerável quantidade de falas nesta questão, onde os sujeitos vem apontar que, apesar de existir muitos docentes que levam em consideração a perspectiva emocional dos alunos, ainda existem alguns ao longo da graduação que se apresentam de modo mais duro, impondo demandas extremas que acabam por colocar alguns estudantes em situação de descontrole emocional, demonstrando assim, pouca flexibilidade e empatia.

E por fim, uma outra pontuação levantada por diversas vezes pelos sujeitos em suas falas, diz respeito a um sentimento de desumanização que adquirem ao longo da graduação, e que pode ser representado a partir do trecho da fala do(a) estudante do 9º período, apresentado logo mais abaixo. Sentimento esse que vem caracterizando-se a partir das cobranças extremas, do foco em participações extracurriculares, entre outras

[...] As exigências para sermos estudantes, pesquisadores e um milhão de coisas, geram, muitas vezes, um sentimento de que não nos encaixamos, não pertencemos a comunidade acadêmica, por não corresponder as expectativas.
– Estudante do 9º período

O foco, muitas vezes dado nas graduações de um modo geral, a inteligência acadêmica, a presença em diversos projetos, em possuir as melhores notas, não garante que o estudante venha a tornar-se um profissional competente, e nem que este, nos anos de graduação sinta-se feliz e motivado com os estudos e consigo mesmo, ou que não passe por certos colapsos emocionais visto que “[...] a inteligência acadêmica pouco tem a ver com a vida emocional. As pessoas mais brilhantes podem se afogar nos recifes de paixões e dos impulsos desenfreados; pessoas com alto nível de QI podem ser pilotos incompetentes de sua vida particular” (Goleman, 1997, 63). Destarte, isso vem a reforçar como o trabalho com a Inteligência Emocional pode ser um atributo importante para os estudantes durante a graduação.

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscamos criar uma construção acerca não apenas da Inteligência Emocional, mas das emoções, compreendendo que, sem estas, a teoria tomada como central neste trabalho não seria passível de existência. Ao buscar compreender como a Inteligência Emocional é considerada no ensino superior, passamos por discussões acerca de como os sujeitos percebem as habilidades referentes a IE em si, se a conhecem e como a compreendem, como percebem sua importância para a formação, para pôr fim chegarmos a discussão de como ela é apresentada durante a formação.

A compreensão da IE como esse atributo para o desenvolvimento, ainda assim não é algo tão comum, havendo ainda algumas dissonâncias acerca de seu significado e as potencialidades apresentadas por ela. De modo geral, pode-se perceber que, as percepções existentes acerca do tema, possuem uma certa nuance que precisa ser considerada, onde os estudantes de período final, por exemplo, demonstram possuir mais de determinadas habilidades, como de autoconsciência e reconhecimento das emoções alheias, e por outro lado, na perspectiva das habilidades de autocontrole e automotivação, estas demonstram-se menos efetivas, visto que dado suas respostas, os estudantes apresentam menor índice no que se refere ao controle de suas emoções, e a partir das respostas subjetivas, na capacidade de conseguirem motivar-se para o desenvolvimento de suas atividades. Em contrapartida, os estudantes de períodos iniciais apesar de não apresentarem índices tão positivos quanto o outro grupo, no que se refere as habilidades de autoconsciência e reconhecimento das emoções alheias, estes se mostraram mais positivos quanto as demais. Isto nos leva a refletir se a dificuldade de aptidão acerca das habilidades de autocontrole e automotivação nos períodos finais, não diz respeito também ao período da graduação onde se encontram e as demandas que lhes são atribuídas.

Durante a construção do trabalho, percebeu-se também que grande parte dos estudantes participantes, apesar de demonstrar familiaridade com o termo, em sua maioria consideram a IE como sendo apenas a habilidade de controle emocional, e as vezes reduzem a IE ao conceito de empatia, o que reforça que, apesar de familiar a expressão, a compreensão acerca de tudo que ela aborda e de como pode ser útil para sua construção como indivíduo, ainda é limitada.

Ainda assim, percebemos que, ainda que não tenham uma percepção exata acerca de tudo que a IE vem abordar, os estudantes conseguem perceber a relevância que o trabalho com a Inteligência Emocional vem a ter na perspectiva da formação docente. Isso porque além de possibilitar lidar melhor com as questões emocionais durante a formação, utilizando-as como instrumento de auxílio para sua jornada acadêmica e aprendizagem, virá a ser útil não apenas

no período de formação, mas para sua atuação, onde será capaz de trabalhar as emoções em si e nas presentes em seus alunos, podendo lidar com mais destrezas em determinadas situações.

Estes achados vêm a negativar a hipótese levantada previamente, de que os estudantes dos períodos finais, possuíam uma maior compreensão e presença de habilidades referentes a IE por possuírem um maior período de tempo na universidade, porém, como visto, esta não é a realidade existente, apesar de possuírem em algumas habilidades, uma maior compreensão e “aptidão”, essa diferença não é tão significativa, e nem acontece com todas as habilidades, e a partir das respostas obtidas podemos considerar que as demandas presentes, que unidas as questões pessoais acabam por afetar o caráter emocional dos estudantes, o que acarreta nesta “falta” de Inteligência Emocional.

A relação entre docentes e discentes, também vem afetar essa perspectiva emocional dos estudantes, de modo que a verticalidade presente nessas relações tende a tornar o percurso formativo em um processo menos produtivo quanto a aprendizagem dos estudantes, e, conseqüentemente prejudicial ao emocional destes. Neste sentido, podemos afirmar que, o trabalho com a Inteligência Emocional durante a formação docente, vem sim, a ser um atributo de bastante potencialidade, tanto para que venha a proporcionar ao estudante modos de cursa-la de modo proveitoso e mais saudável, quanto para sua futura atuação. Porém esse trabalho com a IE não deve ser focado apenas nos estudantes em formação, mas também nos docentes já atuantes, para que também possam ter a possibilidade de conhecerem mais de si mesmos, assim como poder enxergar os alunos a partir de uma perspectiva distinta.

A partir de tudo já mencionado, percebe-se que presença da IE na formação docente em Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, ainda que, segundo os estudantes participantes, não seja algo delimitado ou de muita força, não é nula, porém não é algo que se é tomado realmente em consideração no chão da universidade. Apesar de possibilitar atendimento psicológico, abordar um pouco em disciplinas, realizar esporadicamente algumas rodas de conversa ou palestras acerca do tema, ou ao menos do trabalho com as emoções, pode-se perceber que isto não tem sido suficiente para atender as demandas apresentadas pelos alunos, visto que decorrente das próprias demandas propostas durante a graduação, estes acabam tendo seu emocional afetado, causando, por exemplo, prejuízos em seus desempenhos acadêmicos.

Para isso, é necessário que os cursos de formação docente, não apenas os de pedagogia, mas tomando este como foco, visto que trabalhará com a criança durante o período da construção de si, busque alternativas para incrementar o trabalho com esta habilidade, seja com a presença de mais profissionais da área de psicologia, ou quem sabe disciplinas eletivas

voltadas ao trabalho deste atributo, ou quem sabe iniciando com a busca da instituição para promover uma percepção do estudante, como um ser que possui emoções, mas que estas ao serem incluídas e consideradas, virão a servir como uma potencialidade e não como um problema.

5. Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 14. Ed. Campinas – SP: Papyrus, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004

BELL, J. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRUNETTI, Giovana Maria. **Emoção e Inteligência: Aspectos entrelaçados no processo de ensino e aprendizagem**. Dissertação (Pós-graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UFNF. Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, Maria Gorete Xavier da; CARÍCIO, Márcia Rique. **A EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O PEDAGOGO: uma avaliação no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba**. Conedu IV edição. 2017

DAMÁSIO, Antônio. **O Erro de Descartes**. Lisboa, Publicações Europa-América, 1994.

DOURADO, Ione Collado Pacheco; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **Henri Wallon: Psicologia e educação**. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, n. 5, p. 23-31, aug. 2012. ISSN 2316-3852. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/110.

FONSECA, Vitor da. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Revista Psicopedagogia, p 365- 384, Lisboa, 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 1997

MARQUES, Maria de Fátima Gonçalves. **Concepção de Inteligência Emocional em Contexto Educativo e Profissional: Estudo Sobre uma Universidade Angolana.** Lisboa, 2011.

MENESES, Diana Raquel Cunha. **Inteligência Emocional e Valores em estudantes universitários de áreas do cuidar.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2019.

PINA, M., REGO, A., CUNHA, R., CARDOSO, C. **Manual de Comportamento Organizacional e Gestão.** 6ª Ed. Lisboa: RH Editora, 2007.

RICARTE, Mirela Dantes. **Estudo exploratório sobre a implantação de um programa de desenvolvimento de habilidades socioemocionais.** Tese (Pós-graduação em psicologia cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SAGITÁRIO, Matheus Firmino; COELHO, Patrícia Margarida farias. **A inteligência Emocional nas práticas educativas: Uma abordagem sobre educação emocional e sua contribuição para o desenvolvimento integral do aluno.** Cadernos de Educação, v.20, n. 40, jan.-jun. 2021.

VICENTE, Liliana Cristina Mendes. **Validação da Escala de Inteligência Emocional de Schutte Impacto da intervenção por mensagens SMS na Inteligência Emocional e Inteligência Espiritual em estudantes de Psicologia.** Dissertação (Mestrado em psicologia clínica e da saúde). Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2014.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

_____. **Do ato ao pensamento: Ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO PEDAGOGIA-LICENCIATURA



**“A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DO CENTRO ACADÊMICO DO
AGRESTE”**

ILAYNE VIANA DE ALMEIDA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Corpo Docente do Curso de PEDAGOGIA –
Licenciatura do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco e
aprovada em 04 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fernanda Sardelich
Nascimento (Orientadora)

Profa. Dra. Mirela Dantas Ricarte
(Examinadora)

Profa. Dra. Carla Patrícia Acioli Lins
Guaraná (Examinadora)